

**O PARADIGMA INDICIÁRIO COMO MÉTODO DE DECIFRAÇÃO DA HISTÓRIA
DA ESCOLA PARA CEGOS HELEN KELLER (RIBEIRÃO PRETO 1954-1990)**

**THE INDICIARY PARADIGM AS A METHOD OF DECOMING THE HISTORY
FROM SCHOOL FOR BLINDNESS HELEN KELLER (RIBEIRÃO PRETO
1954-1990)**

Daniela LEAL¹

Oswaldo Tadeu LOPES²

Resumo

Ao buscar, nas duas últimas décadas do século XXI, uma renovação teórico-metodológica nas pesquisas envolvendo a história das instituições escolares, por meio de fontes escritas, orais e etnográficas, conseguiu-se além de enfatizar a cultura escolar, explorar as questões didático-pedagógicas e político-ideológicas empregadas em cada uma dessas instituições e encontradas nas múltiplas fontes primárias e secundárias que se tem acesso. Diante desse cenário, objetiva-se com este artigo, apresentar como se deu a descoberta da história da Escola para Cegos “Helen Keller” de Ribeirão Preto, por meio do paradigma indiciário enquanto método de “decifração” da história da mesma, por meio das “pistas” recolhidas. Permitindo, assim, compreender a historicidade dos fatos, principalmente ao examinar os pormenores mais negligenciáveis e menos influenciados pelas características da escola, assim como examinar o paradigma indiciário e seus sinônimos, através de um trabalho “detetivesco”, como afirmava Ginzburg.

Palavras-chave: Escola para cegos. Historicidade. Paradigma indiciário.

Abstract

By seeking, in the last two decades of the 21st century, a theoretical-methodological renewal in research involving the history of school institutions, through written, oral and ethnographic sources, it was possible to emphasize school culture, to explore didactic- pedagogical and political-ideological approaches employed in each of these institutions and found in the multiple primary and secondary sources that are accessed. In view of this scenario, the objective of this article is to present how the history of the Escola para Cegos “Helen Keller” in Ribeirão Preto was discovered, through the indiciary paradigm as a method of "deciphering" the history of the same through the “clues” collected. Thus, allowing the comprehension of the historicity of the facts, mainly when examining the most negligible

¹ Doutora em Educação: Psicologia da Educação (PUC-SP). Professora do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado, do Centro Universitário Moura Lacerda. Contato: dannylegal@gmail.com

² Mestre em Fundamentos da Educação (UFSCar). Coordenador e professor dos Cursos de Pedagogia e Letras, do Centro Universitário Moura Lacerda, e professor do Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto. Contato: licenciaturas@mouralacerda.edu.br

details and less influenced by the characteristics of the school, as well as examining the inductive paradigm and its synonyms, through a "detective" work, as stated by Ginzburg.

Key words: School for the blind. Historicity. Inductive paradigm.

Nas primeiras duas décadas do século XXI, a história das instituições escolares ganhou terreno entre os historiadores e pesquisadores da História da Educação, principalmente quando se passou a buscar uma renovação teórico-metodológica nesse tipo de pesquisa. Por meio de fontes escritas, orais e etnográficas conseguiu-se além de enfatizar a cultura escolar, explorar as questões didático-pedagógicas e político-ideológicas empregadas em cada uma dessas instituições por meio das múltiplas fontes primárias e secundárias que se tem acesso.

Apesar de ser necessário que os estudos das instituições escolares realizem um recorte, com base no objetivo que se pretende estudar, Amaral (2002) ressalta que este deve servir apenas como balizamento para que a história da instituição escolar deixe de ser “uma narrativa de fatos que estejam estritamente organizados em função de uma cronologia fechada”, para se tornarem “inter-relacionados no tempo e no espaço”, buscando “traços, pistas e sinais que auxiliem na explicação das singularidades estudadas”. Ou, como descrito por Ginzburg (2016, p. 144), “é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola [...]”. É necessário examinar o “paradigma indutivo” e seus sinônimos, através de um trabalho “detetivesco” que perceba que a realidade está repleta de pequenos detalhes que permitem vê-la em uma profundidade pouco costumeira.

Para tanto, faz-se necessário à compreensão das instituições escolares em toda a sua complexidade: teórica, científica e humana. É necessário revelar e compreender as “fontes diversificadas e/ou pouco exploradas que possam fazer emergir as múltiplas faces da cultura escolar necessárias à construção do complexo objeto de pesquisa que é a instituição educacional” (AMARAL, 2002, p. 120).

Nesse sentido, objetiva-se com este artigo apresentar como se deu a descoberta da história da Escola para Cegos “Helen Keller” de Ribeirão Preto, por meio do paradigma indutivo enquanto método de decifração da história, com base nas “pistas” recolhidas.

Caminhos trilhados

Em especial, nas pesquisas envolvendo a história das instituições escolares depara-se constantemente com “realidades opacas” que não indicam com clareza a historicidade dos fatos e os elementos constitutivos da história que se pretende descobrir. Dessa maneira, faz-se essencial atentar-se aos detalhes, pois mesmo aparentando serem insignificantes, podem eventualmente “fornecer dados cuja convergência proporciona o entendimento do enigma que [se pretende] decifrar” (MASSIMI, 2018, p. 106). É o caso da Escola para Cegos “Helen Keller” de Ribeirão Preto, que somente foi descoberta por causa de um vestígio, de um indício obtido por meio de uma conversa com a neta do fundador da mesma, durante a apresentação de um projeto social de revitalização do atual Lar dos Cegos, onde eram as antigas instalações da Escola, entre as décadas de 1950-1990.

Apesar de muitas vezes os vestígios, os indícios aparecerem de forma secundária ou como uma “modalidade de conhecimento focada na interpretação a partir de detalhes e dados aparentemente marginais, [...] na verdade, constituem-se em indícios reveladores que permitem uma nova leitura dos acontecimentos estudados” (MASSIMI, 2018, p. 103). Ou, como descrito por Ginzburg (2016, p. 150), “pistas infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível” e, nesse sentido, “é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis [...]. [...] é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características” (GINZBURG, 2016, p. 144), com intuito de tornar tais vestígios mais reveladores na reconstrução do universo espaço-temporal em que foram produzidos.

Por se tratar, portanto, de uma pesquisa envolvendo a história de uma instituição de ensino, pautada tanto nos documentos encontrados quanto na fala dos sujeitos que fizeram parte da construção histórica, material e cultural da mesma, optou-se por uma pesquisa de caráter historiográfico em triangulação com a pesquisa documental e a história oral. Isto porque, ao partir do princípio que a pesquisa historiográfica, como a própria etimologia da palavra revela, prima pela escrita da história, buscou-se o conjunto dos conhecimentos que revelaram a trajetória histórica da escola em questão, com base no conhecimento verdadeiro do que passou e de como os fatos efetivamente ocorreram no período de sua existência.

Utilizando-se, assim, de fontes históricas tanto remanescentes (os modos de vida e os documentos em gerais) quanto das tradições (memórias dos fatos passados – oral ou escrita).

Ao buscar no arquivo morto do Lar dos Cegos vestígios sobre a Escola além das pistas concretas como fotos, atas e propaganda da mesma, as diversas fontes documentais (leis, arquivos históricos, etc.), conjuntamente com a fala de alguns de seus ex-alunos, ex-professor e familiares, ofereceram dados que proporcionaram entendimento do enigma a qual se pretendia decifrar, mas também e principalmente, realidades opacas que indicavam a presença de conhecimentos e práticas que ainda precisavam ser reveladas

Como afirma Ginzburg (2016), se a realidade é opaca, existem regiões privilegiadas que permitem decifrá-la, e foi o que se buscou. Pois, assim como na medicina hipocrática que o diagnóstico se dava através da leitura de sintomas do corpo doente, assim “a observação atenta dos detalhes é acompanhada pela intuição, ou seja, a capacidade de, a partir de indícios, apreender um conjunto significativo [...], alcançar a inferência de causas desconhecidas a partir de efeitos conhecidos” (MASSIMI, 2018, p. 105).

Nesse sentido, para se aproximar ainda mais de tal objeto historiográfico, utilizou-se da micro-história para contar, por meio de detalhes pormenorizados, a história da Escola para Cegos “Helen Keller” de Ribeirão Preto, como se verá posteriormente. Afinal, “a micro-história não inventa nada, apegando-se obsessivamente às mínimas evidências que a documentação pode fornecer para dar vida a personagens esquecidos e desvelar enredos e sociedades ocultados pela história em geral” (VAINFAS, 2002, p. 103). Como descrito por Barros (2007, p. 169):

Quando um micro-historiador estuda uma pequena comunidade, ele não estuda propriamente a pequena comunidade, mas estuda *através* da pequena comunidade [...]. A comunidade examinada pela Micro-História pode aparecer, por exemplo, como um meio para se atingir a compreensão de aspectos específicos relativos a uma sociedade mais amplas. [...]

O objeto de estudo do micro-historiador não precisa ser, desta maneira, o espaço micro-recortado. Pode ser uma prática social específica, a trajetória de determinados atores sociais, um núcleo de representações, uma ocorrência (por exemplo, um crime) ou qualquer outro aspecto que o historiador considere revelador em relação aos problemas sociais ou culturais que está disposto a examinar.

E foi exatamente o que ocorreu ao longo do estudo da história da Escola para Cegos “Helen Keller”; pois, se de início pretendia-se conhecer a história da mesma e sua importância, com o passar do tempo sentiu-se a necessidade de ampliar os estudos, a busca de

vestígios para compreender o momento social, a historicidade dos fatos vividos à época, as leis que permitiam a criação da mesma, sua relação com acontecimentos educacionais fora dos muros da cidade de Ribeirão Preto, entre outros aspectos relacionados com a problemática que se pretendia examinar.

O paradigma indiciário como modalidade de decifração da história

A partir do final do século XIX, segundo Ginzburg (2016, p. 143), “emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas um modelo epistemológico (caso prefira, um paradigma)”, para se diferenciar do modelo galileano e newtoniano, pautados em dados quantitativos. Ou seja, no berço das Ciências Sociais emergiu o paradigma indiciário que, “centrado sobre resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores” (GINZBURG, 2016, p. 149), voltava-se ao vivido, aos sentidos e significados dos espaços e dos sujeitos que deles fazem parte.

Desenvolvido inicialmente pelo médico italiano Giovanni Morelli, no final do século XIX, o método do paradigma indiciário foi elaborado para identificação de obras de arte, especificamente na pintura, considerando que a concepção à época de abordagem e classificação utilizada pelos peritos era o de partir dos dados mais vistosos presentes nas obras, tais como olhos erguidos para o céu, o sorriso de Leonardo, e assim por diante. A proposta desenvolvida pelo médico e historiador de arte veronense ia na contramão do que se praticava, pois para Morelli, o mais seguro era se atentar para aqueles detalhes menos perceptíveis, pois eram esses, segundo ele, que revelavam com maior segurança a identidade e a assinatura do artista. Através da singularidade impressa na elaboração e execução da obra, o artista deixava as suas características mais peculiares, o que tornaria possível a identificação da autoria.

Ginzburg (2016), com base em tal pensamento, propõe o paradigma indiciário como um método interpretativo, no qual os detalhes – tidos como secundários ou mesmo negligenciáveis – podem guardar a chave para a interpretação, por exemplo, de um contexto social. Para tanto, trabalha-se descobrindo nas fontes e nos documentos dados que vão para além daquilo que se pretendia revelar; informações que aparentemente eram tidas apenas como um fato, ao serem analisadas podem ser desconstruídas pelo historiador, revelando novas

pistas, novos rastros. Para exemplificar, Ginzburg (2016) resgata, em um primeiro momento, a figura do caçador que “lê” nas pistas pelo caminho, as pegadas, as fezes, os pelos e vai criando uma narrativa coerente a partir de tais rastros. Já, em segundo momento, estabelece uma aproximação com os “indícios” utilizados por Sherlock Holmes, nas obras de Arthur Conan Doyle. Para resolver os seus casos de investigação detetivesca, Holmes se atentava aos pequenos sinais deixados pelos criminosos: “pegadas na lama, cinzas de cigarro etc., para a partir desses indícios, imperceptíveis ou negligenciáveis, à primeira vista, reconstruir a cena do crime para desse modo chegar à sua autoria.

Nesse sentido, o paradigma indiciário torna-se fortemente ligado à micro-história, pois esta, como já foi mencionado anteriormente, se âncora em uma pesquisa exaustiva das mais variadas fontes, combinando a exposição narrativa por meio de um discurso literário, mas que prevalece o rigor do historiador. Em outras palavras, a micro-história, em especial por meio do paradigma indiciário, apegase às mínimas evidências que a documentação fornece para dar vida a personagens esquecidos e desvelar enredos e sociedades ocultados pela história.

Ao tentar resgatar, portanto, a história da Escola para Cegos “Helen Keller” (1954-1990), buscou-se por meio do método investigativo do paradigma indiciário, no qual assumiu-se a postura de um detetive em busca de pequenos indícios ou “pistas mudas”, a partir das quais foi compondo-se o mosaico e teorizando uma solução explicativa para o enigma (a escola em si), recontando sua história, bem como suas contribuições à educação das pessoas cegas ribeirãopretanas. Isto porque, no início da pesquisa, eram poucas as informações que se detinha. Foi somente por meio das histórias orais que foram sendo coletadas, dos poucos documentos encontrados e aos que se tinha acesso, que a pesquisa tornava-se cada vez mais instigante, pois diante daquele quebra-cabeça, cuja tentativa por uma abordagem explicativa linear não dava conta, o paradigma indiciário trouxe rigor metodológico para investigar a história da instituição e, assim, narrar a sua história e das pessoas que a constituíram.

Uma história reconstruída por meio de paradigmas indiciários

Falar sobre a história das escolas para pessoas com deficiência não é uma das tarefas mais fáceis. Principalmente porque, ao dar voz ao seu movimento, ao buscar compreender seu

próprio significado, faz-se necessário saber, primeiro, a quem se está dando o direito de participar e, segundo, a qual espaço se está proporcionando essa participação. Assim como, faz-se essencial aproximar-se do passado, apesar de esse estar se afastando em uma velocidade assustadora, para manter abertos os canais de comunicação que permitem compreender as maiores criações da humanidade e a história de modo mais profundo e intenso.

No Brasil, por exemplo, a emancipação voltada à educação das pessoas com deficiência, iniciou-se na década de 1950. Embora tenha sido nas escolas especiais e/ou dentro dos institutos, foi nessa época que surgiram as primeiras propostas para a inclusão das pessoas cegas nas escolas regulares. Entretanto, sabe-se que, apesar desses avanços, boa parte das pessoas cegas sentiu dificuldades para se inserir no ensino regular. Muitas acabaram optando por realizar seus estudos em classes de Braille situadas em instituições de caráter asilar e/ou filantrópicas.

E, é exatamente nesse contexto que, em 1º de julho de 1954, idealizada pelo Professor José Ferreira Martins Junior, e sendo considerada como o primeiro serviço para o atendimento da pessoa cega da cidade de Ribeirão Preto e das cidades do entorno, que a Escola para Cegos “Helen Keller”, em Ribeirão Preto, foi inaugurada.

Fundada, essencialmente, para que as famílias das pessoas cegas tivessem acesso ao conhecimento através do sistema Braille e pudessem educar e instruir seus filhos, a Escola para Cegos “Helen Keller”, seguindo os ideais de seu fundador, o Professor José Ferreira Martins Júnior, creia que ao oportunizar educação e instrução, estas seriam úteis aos próprios alunos da escola, assim como à sociedade, pois permitiriam que as pessoas cegas não mais fossem vistas como dignas de dó, mas sim, com direitos e deveres que contribuíssem para sua integração à sociedade. Como descrito por Wagner³, ex-aluno e, posteriormente, ex-professor da Escola:

Aqui além de ser uma escola que alfabetizada, que colocava as pessoas que queriam estudar no ginásio, que nem ela [referindo-se a Carmitta] que foi para o Instituto Padre Chico, ensinava-se também a trabalhar. (WAGNER, 2016, 2017)

³ Todos os nomes utilizados são fictícios.

De acordo com os registros das Atas encontradas, da fala dos familiares do Professor José Ferreira Martins Júnior e de áudios encontrados, a Escola funcionou de 1954 a 1959, em duas salas das dependências da Escola SENAC local, de segunda à sexta-feira, das 13h às 15h, sendo (1) sala destinada à Alfabetização em Braille e (1) para Trabalhos Manuais.

Posteriormente, diante da preocupação de melhor atender aos estudantes, no ano de 1956, iniciou-se um movimento público através dos jornais e rádios locais, para arrecadação de verba e materiais para a construção da sede própria da escola. Entretanto, apesar de ganhar da prefeitura de Ribeirão Preto, em 1957, um terreno para a construção da mesma, no ano de 1959, após iniciadas às obras e mediante a questões políticas, o prédio que seria a sede da escola, não seguiu adiante. O prédio tal como idealizado, nunca saiu do papel.

Em 1959, apesar de todos os percalços enfrentados, a Escola para Cegos “Helen Keller” passou a funcionar nas dependências da Associação dos Cegos de Ribeirão Preto (ACERP), mais conhecida como Lar dos Cegos, ocupando duas novas salas construídas para esse fim. Diante dessa nova possibilidade, além da alfabetização e dos processos manuais, passaram a ofertar estudos sobre conhecimentos gerais, atividades da vida prática e mobilidade como parte do processo de aprendizagem do cego, bem como montou-se uma ampla Biblioteca Braille, com cerca de 81 obras – considerada, na época, como a única do gênero no país –, um Museu⁴ e cursos de tricô para as mulheres e elementos práticos de marcenaria para os homens.

Com a incorporação da escola, o Estatuto Social da Associação dos Cegos de Ribeirão Preto (ACERP, 1961) passou a incorporar, em seu Artigo 2º, à educação, principalmente ao descrever sobre seus fins e objetivos:

A Associação dos Cegos de Ribeirão Prêto, tem por finalidade manter nesta cidade um Lar para Cegos, de ambos os sexos, desprovidos de recursos, sem distinção de raça, cor ou religião, **devendo ainda auxiliar na manutenção da Escola para Cegos “Helen Keller”, para que a mesma realize seus fins de educar e reabilitar deficientes visuais.** (ACERP, 1961, p. 1, grifos nossos)

Cabe destacar que, ao lutar pela manutenção da Escola, o Prof. José Ferreira Martins Júnior preocupava-se em propiciar à comunidade cega além de uma educação adequada, uma formação e um espaço que contribuísse para que muitos cegos tivessem seus direitos

⁴ Era um museu tátil para trabalhar durante as aulas. Segundo um dos ex-alunos, tinha bichos empalhados, objetos para experiência tátil.

reconhecidos e respeitados como pessoas produtivas, úteis para si e à sociedade. Tanto que, para além do trabalho realizado na escola, o mesmo lutou pela conquista, junto à comunidade cega, ao direito de voto, a uma condução gratuita aos cegos que moravam afastados da escola, a formação dos professores que trabalhavam com as pessoas cegas, entre outros, como se pode observar em um tipo de propaganda de revista e/ou jornal, encontrado no arquivo morto do Lar.

Para justo orgulho do Município de Ribeirão Prêto, graças a ESCOLA PARA CEGOS “HELEN KELLER”, algumas dezenas de cegos, de ambos os sexos, já dissiparam as trevas do analfabetismo e já venceram a ociosidade e apatia que os agrilhoavam e são hoje, jovens operosos, úteis e participantes da comunidade brasileira, até exercendo o direito de voto, posto que brilhantemente se qualificaram eleitores.

De suas fileiras, já saíram cegas habilmente preparadas para todo serviço doméstico, comerciários e jovens que estão cursando com notória capacidade o curso ginasial, como os casos de uma moça atualmente em Belo Horizonte e o do jovem, [Wagner] (Clichê), [...] aluno do Ginásio Metodista, [que] por sua dedicada aplicação, ganhou do referido Estabelecimento uma Bolsa de Estudos. (LAR DOS CEGOS, s.d.)

O que coaduna com a fala de Wagner (2016) – o mesmo mencionado na propaganda anterior):

[...] eu vim para cá para estudar. Aí, eu me alfabetizei. [...] quem queria continuar os estudos, ia para a escola. No meu caso, eu fui para o Metodista.

E aí, eu fui estudando... e aí o Sr. José Martins achou... arrumou uma professora para me dar aula, porque a gente tinha que fazer admissão. Eu sou novinho ainda, sabe? (risos) A gente tinha de fazer admissão para entrar no ginásio... Eu fiz o ginásio, fiz a admissão, passei, comecei a cursar o ginásio e no segundo ano eu parei... Tenho um orgulho muito grande, porque quando eu comecei a estudar muitos alunos que tinham desistido dos estudos, voltaram a estudar.

[...] estudei um pouco na Metodista... Não terminei o curso porque achei que não ia valer a pena... porque naquela época a gente não tinha as oportunidades que tem hoje.

Então, eu pensei: “Eu vou ter apenas um diploma pendurado na parede, nada mais do que isso”. Então, eu parti para o trabalho.

[...] Aí... o Sr. José Martins com todos os afazeres que ele tinha além do escritório, além de tudo... ele pediu se eu poderia dar aula para os alunos. Eu falei: - “Mas Sr. José, eu não sei se posso”. Ele disse que eu tinha capacidade e que poderia ensinar. E, eu peguei esse cargo de professor, sem ser professor. E, acho que fui bem! Me dei bem... na época, acho que tinha uns 10 alunos, né Mariana?

Diante de parte dos vestígios aqui apresentados até o momento, pode-se dizer que, notórios foram os esforços do Prof. José Ferreira Martins Junior, por intermédio de uma filosofia humanista, para mobilizar a sociedade Ribeirão-pretana a investir na formação da pessoa com deficiência visual e/ou cega, demonstrando tanto a essas quanto à sociedade que o importante era dar-lhes condições de prover seu sustento, com base em seus estudos, sem terem que viver da mendicância. Afinal, nesse período, socialmente, às discussões sobre a

cegueira saíram da vida privada e partiram para a vida coletiva. Conseqüentemente, passou-se a ter como “objetivo central o direito à instrução em conjunto com os procedimentos para que os cegos pudessem atingir êxito profissional, [e] também [...] caminhos para escolas e universidades” (LEAL, 2015, p. 76).

No Brasil, em especial, mesmo com as inúmeras dificuldades políticas, econômicas e sociais enfrentadas durante esse período, iniciou-se a “emancipação das pessoas cegas no que se refere à educação. Embora a mesma tenha iniciado na escola especial dentro dos institutos, foi nessa época que surgiram as primeiras propostas para a inclusão das pessoas cegas nas escolas regulares” (LEAL, 2015, p. 79). No entanto, infelizmente, não é porque as concepções a respeito das pessoas cegas transformaram-se, assim como as oportunidades de inclusão ampliaram-se com o passar do tempo, que as mesmas deixaram de enfrentar condições estruturais que continuavam oprimindo e negligenciando as experiências da deficiência (MARTINS *et al*, 2012). Pelo contrário, muitas ainda eram (e continuam a ser) “significadas” de forma extremamente negativa e segregatória (HULL, 2000), vetando aos cegos, muitas vezes, o seu direito de participação plena na sociedade.

Conseqüência disso, apesar de todo o trabalho realizado, com a chegada da década de 1990 e as mudanças definitivas no formato e na estrutura tanto dos espaços que atendiam as pessoas com deficiência visual e cegas, quanto à necessidade cada vez maior de alguns de estarem mais no mercado de trabalho do que estudando, a Escola para Cegos “Helen Keller” deixou de existir: “[...] ninguém mais queria estudar, a turma queria só trabalhar, muitos mudaram e outros vinham dizendo que achavam que não tinham mais idade para estudar. E parou-se os estudos... [...] E, assim foi indo até que... terminou por completo a Escola Hellen Keller” (WAGNER, 2016, 2017)⁵.

Algumas considerações

Ao resgatar a história da Escola para Cegos “Helen Keller” por meio dos vestígios que puderam ser encontradas nos documentos remanescentes da escola e na oralidade dos fatos contados por quem esteve presente ao longo de sua trajetória, pode-se observar algumas das formas de revelar qual a sua importância à educação no período inicial do ingresso dos

⁵ A história completa da Escola para Cegos “Helen Keller”, bem como informações sobre a pesquisa realizada podem ser acessadas em: <http://nieped.com.br/acervodigital/>

estudantes cegos nos espaços escolares de Ribeirão Preto, bem como os modos de pensar de seus atores numa determinada época, cercada por uma história cultural que se tornou sedimentada.

Permitiu-se, também, compreender que, como o objeto de estudo visava o passado, um passado que não podia ser acessado diretamente, foi por meio dos indícios, das pistas (paradigma indiciário), como denominou Ginzburg (2016), que se tornou possível a reconstrução da história da Escola para Cegos “Helen Keller”. Afinal, como afirmava o próprio o autor, para a história o paradigma indiciário é imperativo, uma vez que o objeto de estudo do historiador é o passado. Sendo o passado algo que não se pode acessá-lo diretamente, só há com tangenciá-lo por meio do que ficou, ou seja, por meio dos “restos” desse passado. Consequentemente, não há como enquadrar a história fora da reflexão sobre o paradigma indiciário, segundo Ginzburg.

A aplicação do "paradigma indiciário" como método de investigação, portanto, possibilitou sensibilizar o olhar dos pesquisadores para os pequenos indícios que em um primeiro momento poderiam ser negligenciados, mas que se tornaram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa e para a elaboração de uma narrativa que resgatasse e contasse um pouco da história da instituição.

Nesse sentido, utilizar-se conjuntamente da micro-história permitiu estudar aquilo que estava à sombra da história da escola, ou seja, permitiu desbravar caminhos profícuos para se pensar o objeto de pesquisa e o uso das fontes documentais como novos matizes e nuances da história. Levando, assim, a compreensão de que ao se valer de indícios, vestígios, pistas e revelar outras faces ainda desconhecidas nos estudos sobre a história das instituições educacionais no Brasil trouxe à baila outros sujeitos, outros documentos, outras falas que foram de alguma maneira silenciados e relegados ao anonimato.

Por fim, diante de tantas contradições e rupturas, diante dos múltiplos sentidos e significados que se revelam pelas pistas históricas que vão surgindo para além da própria história da escola, ampliou-se o estudo para as políticas existentes, o momento histórico vivenciado, os pensadores da época, para que se compreendesse os motivos que levaram a criação da escola, assim como as práticas adotadas e a estrutura estabelecida pela mesma. Assim, utilizar-se do paradigma indiciário e da micro-história, para além de focalizar em um

único objeto de estudo exaustivamente, faz-se essencial ficar atento, principalmente, ao não dito, ao não visto, pois são nas pistas mudas que a história do passado vai se revelando e dão novos olhares para a compreensão da mesma.

Referências

- ACERP. ASSOCIAÇÃO DOS CEGOS DE RIBEIRÃO PRETO. **Estatuto Social da Associação dos Cegos de Ribeirão Preto**. Reforma em Assembleia Geral, realizada aos 14 dias do mês de abril de 1961. Ribeirão Preto: ACERP, 1961.
- AMARAL, G. L. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. **História da Educação**, Pelotas, n. 11, p. 117-130, abr. 2002.
- BARROS, J. D'A. Sobre a feitura da micro-história. **OP SIS**, Goiás, v. 7, n. 9, jul-dez. 2007.
- BOTURA, G. C. B. **Resgate histórico da educação especial em instituições filantrópicas e rede pública na cidade de Ribeirão Preto-SP**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, 2006.
- GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. 2.ed. 7.reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HULL, J. Blindness and the Face of God: Toward a Theology of Disability. In ZIEBERTZ, H. *et al* (eds.). **The Human Image of God** (Johannes A. Van Der Ven Festschrift). Leiden: Brill, 2000. p. 21-229.
- LAR DOS CEGOS. **Associação dos Cegos de Ribeirão Preto** (panfleto). Ribeirão Preto, s.d.
- LEAL, D. **Compensação e Cegueira: um estudo historiográfico**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015.
- MARTINS, B. S. et al. A emancipação dos estudos da deficiência. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 98, p. 45-64, 2012.
- MASSIMI, M. O Paradigma Indiciário na História da Psicologia *In*: TFOUNI, L. V.; PEREIRA, A. C.; MILANEZ, N. (orgs.). **O paradigma indiciário e as modalidades de decifração nas Ciências Humanas**. São Carlos, SP: EduFSCar, 2018. p. 103-120.
- VAINFAS, R. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- WAGNER. **Entrevista I**. [12.2016]. Entrevistadora: Daniela Leal. Ribeirão Preto. arquivo .mpg (91min.).